

# UMA VOZ POÉTICA NEGRA DESPONTA NO CENÁRIO DE PORTUGAL

Rosangela SARTESCHI\*

LIMA, Raquel. **Ingenuidade Inocência Ignorância**. Oeiras: Boca; Caldas: Animal Sentimental, 2019.

**Figura 1** – Capa do audiolivro.



**Fonte:** Site da editora Boca<sup>1</sup>.

A presença negra em Portugal tem sido historicamente subestimada, ainda que essa presença remonte ao século XV em decorrência do sistema colonial escravista e, já no século XX, como resultado dos movimentos imigratórios das antigas colônias africanas.

---

\* USP – Universidade de São Paulo – FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – São Paulo – SP – Brasil. 05508-080 – rosecpq@usp.br.

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.boca.pt/product/ingenuidade-inocencia-ignorancia>. Acesso em: 09 set. 2021.

Como desdobramento desse apagamento histórico, contemporaneamente, os sujeitos negros nascidos em território português ou que para o país deslocaram-se há mais de 40 anos encontram ainda inúmeros impedimentos para serem reconhecidos como cidadãos portugueses. Entre outros aspectos que contribuem para a manutenção de quadro de exclusões e silenciamentos, é preciso mencionar a lei da nacionalidade em vigor. Além dela, cabe sublinhar a persistente recusa do poder público em aferir a dimensão da população negra em Portugal. O mais recente movimento nesse sentido foi a decisão do INE em não incluir, no censo de 2021, questões sobre pertença étnico-racial dos consultados, perpetuando-se, assim, as conhecidas limitações dos dados oficiais.

As lógicas discriminatórias foram institucionalizadas e incorporadas às relações sociais e raciais no âmbito da sociedade portuguesa com reverberações que ainda perduram no século XXI: nos discursos e nos silenciamentos, nos atos e nas omissões, tudo contribui para que os negros portugueses sejam cotidianamente invisibilizados, expondo algumas mazelas sociais como o racismo estrutural e as tensas relações raciais do país.

Diante desse panorama, a cultura e, em especial, a literatura colocam-se como espaço privilegiado de resistência e enfrentamentos. Surgem escritoras e escritores que assumem seu pertencimento racial e cuja produção encena formas de luta e de recusa a silenciarem-se diante de uma sociedade que apresenta marcas inequívocas de seu passado colonial ainda não superado: são escritas empenhadas em recontar histórias, assumindo o lugar de fala/escrita e, assim, constituindo-se em perspectivas negras de ver e estar no mundo.

É nesse contexto que é preciso saudar *Ingenuidade Inocência Ignorância*, de Raquel Lima, seu primeiro audiolivro lançado no Brasil e em Portugal, que reúne a produção poética da autora do período de 2009 a 2019. São 24 poemas no livro e 11 deles performados em áudio. Publicado pelas editoras independentes Boca e Animal Sentimental, é o primeiro volume da coleção *Boca de Incêndio*, série que será dedicada à poesia falada.

A poeta, arte-educadora, investigadora, produtora cultural e ativista da *spoken word* organiza sua trajetória poética pela escrita e, sobretudo, pela oratura, resgatando nesse percurso experiências e práticas, além de vivificar saberes e formas de existência. Projeta, assim, no plano do imaginário, o combate ferrenho a todo o processo de preconceitos e hierarquizações e uma saída possível à alienação. Não é por acaso que o poema “Insipiente / incipiente”, que abre o livro, anuncia sua tópica literária de resistência e confrontos e cujos versos finais evidenciam uma voz lírica como enunciadora do que está por vir:

a minha insegurança  
está  
entre  
sentir-me insipiente  
e sentir-me incipiente  
reside nesse intervalo  
inaudível entre duas letras  
e vive desse silêncio que grita  
sobre a minha ingenuidade  
a minha inocência  
e a minha ignorância  
(LIMA, 2019, p. 21)

É preciso apontar que Raquel Lima é grande divulgadora do *slam* dentro e fora de Portugal. Idealizou, entre outras atividades, o *Poetry Slam Sul* e o 1º *Poetry Slam Lusófono* no âmbito da 4ª Bienal das Culturas Lusófonas. Foi coordenadora geral e diretora artística do Portugal *Slam* de 2012 a 2017. Destaque-se que venceu o 3º *Poetry Slam* Portugal. No Brasil, participou da Flup – Festa Literária das Periferias e da Flip – Festa Literária Internacional de Paraty.

Seu audiolivro retoma, modernamente, a noção do compartilhamento da poesia de modo a garantir o direito de voz a todas e todos. As questões da oralidade como traço fundacional da cultura afro-diaspórica são, portanto, seminais em sua trajetória e estão presentes nos poemas incluídos no livro que, organizado simetricamente em três partes (com oito poemas cada) a partir dos três termos que nomeiam a obra, conjuga-se pelas intermitências do silêncio e do som, produzindo uma musicalidade e andamento rítmico e melódico que são centrais para a construção dos sentidos. O poema “Sucubu”, que também integra o áudio, é sua expressão exemplar:

su cu bu  
sucumbu  
suculento  
sucuri  
sucumbir  
sucumbrigar  
sucumbrigo  
sôco umbigo  
sucumbu  
sucubu  
suculento  
sucuri.

(LIMA, 2019, p. 46)

A voz amplifica, assim, a poesia escrita, porque, sendo uma dimensão do próprio corpo, traz consigo uma memória existencial, marcas de sua genealogia pessoal que, no entanto, ressoa uma experiência coletiva. Nesse sentido guarda uma dimensão política de intervenção, porque quando diz, afirma-se.

A autora mostra-se uma observadora atenta ao que acontece a seu redor, à vida e aos sujeitos que transitam pelos centros urbanos, sobretudo Lisboa, espaço que surge em diálogo com uma voz lírica cuja origem africana e negra confronta os discursos hegemônicos, instigando o leitor a refletir sobre as histórias que liricamente desfilam em seus poemas:

a criança entra às oito da manhã no barco para pedir esmola  
estômago vazio, equilíbrio por um fio, sapato sem sola  
nos olhares há um misto de ternura e censura  
quem é que, em pleno juízo, permite tamanha loucura?

(LIMA, 2019, p. 57)

Em resumo, o trabalho literário dessa poeta engajada assume o papel histórico da resistência política, fortalecendo um olhar cada vez mais direto e objetivo por meio de dezenas de vozes que emergem de seus textos, evocando narrativas e distanciando-se de uma projeção ideológica e oficial de um Estado dominante que as restringem à subserviência social. São vozes que rompem definitivamente com o jogo de opressões dentro do qual foram compulsoriamente inseridas

O livro é para ler e para ouvir, pois os poemas que surgem nessas configurações não se ajustam, transbordam os limites da escrita:

então abro mais uma gaveta  
à procura de um sentido  
no formato circular da oratura  
porque a tradição não é feita só de livros  
fotos e palavras por traduzir [...]  
(LIMA, 2019, p. 24-25)

Abrir a gaveta destitui a escrita como única forma de ler o mundo ao mesmo tempo em que liberta a voz do cenário da opressão colonial, alçando-a para o epicentro poético, em que novas perspectivas podem ser desenhadas. Agora lidos, escutados, imaginados, os poemas de Raquel Lima resgatam a inteireza dos corpos negros e impelem os ouvidos a escutar uma voz pujante capaz de ultrapassar a ingenuidade, a inocência e a ignorância.

